

# A MEDIDA SOCIOEDUCATIVA ENTRE “VOCÊS” E VOCÊS: APRENDER COM O QUE PRODUZ SILÊNCIO NA ESCUTA SOBRE A VIDA

*Beatriz Saks Hahne*

O que eu poderia escrever para vocês que já não tenha sido dito antes por outras pessoas? Muito se fala sobre “vocês” – vocês também me disseram isso, incomodados. Há uma grande circulação de opiniões sobre quem são, aquilo que necessitam, seus erros, o que falam e o que deixam por dizer. Concordamos que vocês têm sido ditos como “um tipo”. Que têm sido tratados como uma totalidade indivisível de pessoas, como se não houvesse transcorrer do tempo em meio a uma história que se repete em outras vidas. Como se a passagem do tempo não produzisse nuances ou transformações. Como se as idades se tornassem outras, vocês fossem “de maior” e viessem outros iguais a “vocês”.

Há momentos em que muitos de nós, adultos(as), nos encontramos com adolescentes de 15, 16, 17 anos que têm outras roupas, diferentes cortes de cabelo e gírias que precisamos desvendar. Percebemos que esses outros “vocês” moram em casas parecidas, crescem nos mesmos bairros, vêm das “mesmas” famílias. Vivem a mesma condição numa situação-outra-inalterada. Repetem, em um tempo histórico diferente, a história de meninos e meninas que só aparecem por aquilo que neles e nelas dizem faltar: a roupa certa, o devido corte de cabelo, a escolarização sem rupturas. Quando “vocês” ficam presos a uma imagem, passa a existir uma forma de clausura sem muros; é como disse um autor: “meu corpo

é bem mais velho do que eu, como se conservássemos sempre a idade dos medos sociais com os quais o acaso da vida nos pôs em contato” (Barthes, 2013, p. 44).

Essa condição que repete faz ecoar a ideia de que “vocês” não mudam e *são todos(as) iguais*. Faz existir um lugar onde a surpresa não pode acontecer: muitas vezes, quando se pensa que uma coisa ou uma pessoa é *de um certo jeito*, aos olhos do(a) outro(a) ela passa a sê-lo.

Querendo se diferenciar de certa repetição que retira algo de vivo das pessoas, estas linhas se entrelaçam em busca de algum lugar outro. São escritas inspiradas em um filósofo que dizia que escrever é permanecer no inacabado, sempre alguém do vivido (Deleuze, 2011). E não é disso que se trata existir? Lutar para permanecer inacabado enquanto tudo e todos nos empurram a sermos determinados. Definitivos.

Os parágrafos aqui buscam um lugar em que as perguntas caibam. Um espaço – mesmo que temporário e limitado – que não repita a certeza de um território em que nada pode ser diferente.

Escrever esta carta é um exercício para o qual tenho em vocês companhia. Ainda que não nos vejamos mais, vocês fazem parte das ideias das quais faço uso para escrever: são presença na ausência em mim. É voltar no tempo, pensar diferença como construção e brigar contra a ideia de impossibilidade. É lembrar da incerteza, do medo, de uma sensação de caminhar rente ao abismo ao ser escutada, ao mesmo tempo, por “eles”, os(a) profissionais das medidas socioeducativas, e por “vocês”, que estavam dentro das unidades de internação.

Percebam que uso aspas quando faço massa de pessoas. É uma ação propositada. Explico: aprendemos a conglomerar gente para não ver um *alguém* à nossa frente. Somos nascidos(as) em um país que constrói massas de pessoas para não ver choro, dor, medo, infância, criança correndo, primeiro cigarro de maconha, cabelo raspado igual, mesma roupa, cueca compartilhada, hora para o banho, tempo para usar o banheiro e para comer (não importando querer ou não fazer uso do banheiro ou a fome que se tem). Um mundo de gente esconde *uma gente*. Falo do cárcere e do encarceramento. Mas falo também de uma espécie de prisão que existe até mesmo fora dos muros: aquilo que impede *um alguém* de ser único. Ela existe quando se reduz o valor daquilo que esse *alguém* quereria àquilo que *todos* deveriam necessitar segundo um ponto de vista.

Algumas trajetórias são construídas sem que o sujeito possa ser ativo, inventivo, participativo, opinativo, criativo. Querer vira necessidade quando parece que basta comida e casa. O problema é que fica de fora a certeza de que uma vida é muito mais complexa e precisa de muito mais para se sentir viva. Necessidade básica deveria ser tudo aquilo que importa para alguém desejar a própria vida.

Às vezes, ser massa é ser grupo forte: fazer a caminhada em parceria. Noutras, ser massa é ser completamente apagado(a) naquilo em que se é único. Um mundo de gente esconde choro na hora de dormir, quando ninguém vê. Esconde a construção do menino-homem que testemunha e é autor de muitas violências, e precisa carregar sozinho o que viveu sem olhar para trás.

Como chegar tão perto disso tudo de maneira a escutar, alterar e transformar alguma coisa em nós? Como ficar numa inteireza não ensurdecida quando a violência escreve a vida? Como escutar quando você diz que não sabe se vai ou se fica porque ir é arriscar ser humilhado(a) pela polícia e ficar é dizer menos à vida que se quer?

Esta carta é inspirada em encontros. Quis escrever uma carta-colagem. Movida pela imagem de cada um de vocês, que já não vejo, fui recriando na memória nossas chegadas. É, também, uma carta-passagem: vontade de dizer a vocês o que ficou das nossas conversas. Escrita que se faz combinada com uma certa angústia por não encontrá-los mais e por não saber como estão. Imagino histórias para justificar o fim das nossas trocas: cessou o interesse por falar (comigo)? Teria acontecido algo ruim? Quando “vocês” somem, me passa pela cabeça a morte ou a cadeia, e isso é efeito das histórias que me contavam.

As conversas que tivemos ampliaram a vontade de escrever, e esta carta tem relação com a força desses encontros na investigação que faço. “Vocês” movem esta mensagem, me instigando a enfrentar muitas questões que há tempos me fazem pensar. Uma delas é sobre a construção de uma psicologia alterável, caminhante, cambaleante, menos desconfortável com as incertezas, buscando abertura naquilo que parece tão determinado.

Escrevo em meio a um processo de pesquisa de doutorado, que é um título que permite algumas coisas na vida profissional. Foi com a ideia de que a palavra usada como ferramenta de trabalho cria sentidos à vida que eu cheguei até meu estudo e a vocês. Eu questionava a palavra falada a vocês e sobre vocês, a palavra esperada de vocês e a palavra que antecipava vocês. Parecia que nada do que vocês falavam mudava o que era pensado sobre vocês.

Era isso o que eu percebia: a ideia sobre “vocês” impede a ideia de vocês na construção de um trabalho; as imagens feitas sobre “vocês” impedem que apareça a multiplicidade nas formas de viver. Daí a vontade de produzir uma pesquisa em que a palavra fosse aquilo que movesse a forma de estar junto.

Conheci vocês cinco, companheiros nesse trajeto, em um momento de um certo cansaço de praticar uma psicologia que se repetia. Havia uma inércia em mim e no meu contato, quando educadora e psicóloga, com outros(as) – em geral,

com adultos(as) que trabalham com meninos e meninas que, como vocês, foram parar na Fundação Casa ou “no LA”.<sup>30</sup> Eu repetia fórmulas que não faziam sentido a ninguém; transmitia pensamentos dos quais eu começava a duvidar.

Isso que se repetia em mim tinha a ver com a propagação das estatísticas, dos dados produzidos sobre o encarceramento e sobre a morte de adolescentes (negros(as)) no Brasil. O que eu percebia era que as muitas violências que aparecem na força policial, na fome, na linha de ônibus que não chega ao bairro, na droga e no crime eram usadas para justificar um certo jeito de trabalhar com “vocês” e de (não) escutá-los(as). No entanto, dentro do ato infracional há toda uma sociedade escondida. Um de vocês fez pensar que *o corpo só do menino-perseguido pode pouco frente à força e às armas da polícia. É de ter raiva. Essa muita raiva é calada pelo medo de a vida poder pouco frente às armas do homem [policial]. O que fazer quando se sabe da humilhação e nada se pode contra ela?*<sup>31</sup>

Muitos de nós, adultos(as) atentos(as) e preocupados(as), vimos dizendo *não* às muitas violências que atravessam suas vidas com tanta força que parecemos não ter energia para ouvir o que “vocês” dizem quando estão à nossa frente. Queremos que tenham direitos e não pensamos como exercê-los de forma que sintam que são beneficiados, que de fato melhoram suas vidas. Afinal, a escola não é a mesma coisa para todos(as), o bairro não é vivido do mesmo jeito por quem mora lá, ter um emprego é muito diferente de fazer algo que interessa e que produz sentido.

Dizemos não à violência e reproduzimos algo de violento. Não nos perguntamos sobre como vocês vivem aquilo que expressam ou sobre as palavras que escolhem para dizê-lo. Por vezes, é como se a única coisa que pudéssemos fazer fosse convencê-los(as) a não serem *assim*. Isso pede a vocês o impossível, como se esse pedido fosse pouco. E não pede nada de nós. Mudar nosso modo de trabalhar exige que os(as) tornemos parceiros(as) de pensamento, que inventemos um grito alto que não apague a voz há tanto tempo silenciada e que não esqueçamos a vida experimentada por cada um(a).

Foi em um serviço de medidas socioeducativas com o qual trabalhei durante algum tempo discutindo como meninos e meninas ali atendidos(as) poderiam cumprir a medida de um jeito mais próximo daquilo que queriam e podiam que tive abertura para me aproximar de vocês. Foi naquilo que tínhamos em comum

---

<sup>30</sup> Liberdade Assistida (Lei Federal 8.069/90, art. 118). “LA” é como muitos(as) adolescentes denominam o Serviço de Medidas Socioeducativas de Meio Aberto, local onde, no município de São Paulo, cumprem a sanção atribuída pelo poder judiciário.

<sup>31</sup> Essa e as passagens seguintes sem referência bibliográfica foram construídas em colaboração com dois jovens entrevistados para a pesquisa de doutorado em curso.

– termos passado por centros de internação – em nossa diferença – eu, trabalhando; vocês, aprisionados – que engajamos conversa.

Nossos encontros fizeram caber o que diferia: idade, gênero, classe social, cor, interesses. Fizemos encontro frente a tudo isso que forma um terreno cambaleante de possíveis, em que a diferença não é fraqueza e nem impossibilidade. Eu queria ouvir histórias de vocês que tivessem a ver com o cumprimento da medida socioeducativa; buscava acessar como passar por esse período modificava a experiência viva de vocês. Algumas interrogações me moviam no começo de minha pesquisa: o que nós, profissionais, estamos produzindo com nossas perguntas? Como aquilo que fazemos se relaciona com a caminhada de vocês? Somos parte de um tempo que se quer (apenas) esquecido?

Depois de nosso primeiro contato em um certo serviço, nos vimos algumas vezes – uma, duas, cinco... vocês decidiam. Conversamos em praças, no terminal de ônibus, no local de trabalho (uma gráfica, um CRAS),<sup>32</sup> onde cumpriam PSC,<sup>33</sup> “no LA”. Com vocês, entendi que um lugar para conversar nunca será “um lugar só para isso”: uma praça tem a pista de skate onde dava para conversar e se distrair e era, também, onde ficava a biqueira em que um de vocês foi preso; o CRAS era o local de trabalho e também onde vocês mais se sentiam confortáveis para me receber (vocês gostavam daquelas pessoas e, porque gostavam e se sentiam gostados, viviam aquele como um lugar próprio). Eu ia aonde vocês me convidavam e entendiam que eu também me sentiria mais à vontade – eu penso que vocês se preocupavam com que eu ficasse bem onde estivéssemos. Tenho a impressão de que isso de *se importar* veio depois das nossas primeiras conversas, depois que produzimos uma relação de cuidado permeada por nossas diferenças.

Vocês, de maneiras diversas, me contavam coisas parecidas: tráfico de drogas, roubo, prisão, abandono do pai, apanhar do padrasto, colocar comida na mesa, querer o tênis bom, ter filha pequena e desejar ser o pai que não teve. Quando eu voltava para casa e escrevia o que havíamos falado, percebia que escrever e reescrever ajudava a acessar construções que já existiam ali e que, geralmente, não via. Essas construções diziam respeito a como vocês significavam seus encontros com a violência cotidiana e com a medida socioeducativa; com aquilo que os fazia ter novas ideias e novas vontades. Vocês disseram precisar de calma

---

<sup>32</sup> Centro de Referência da Assistência Social. Unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social; organiza e oferece serviços da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios e no DF. Fonte: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes\\_Cras.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf). Acesso em 15 fev. 2021.

<sup>33</sup> Prestação de serviços à comunidade (Lei Federal 8.069/90, art. 117).

e de acompanhamento em suas experimentações, ainda que isso seja bastante angustiante para nós, adultos(as). Vocês contaram que é melhor ter por perto quem saiba escutar e não fique apenas esperando pelo momento de falar e de recomendar o que fazer.

Quando realizávamos juntos(as) o exercício de ler e discutir o que eu havia escrito a partir de nossas conversas, construíamos uma história viva. Vocês mudavam as minhas frases: às vezes, queriam dizer algo que eu não podia, sozinha, escrever. A pesquisa mudava. Em um trio que formamos, escrevemos:

*Tanta violência não abala. Quer dizer, abala, mas não pode dominar o corpo que precisa permanecer vivo. Não há para quem contar sobre a violência que se vive porque isso geraria ainda mais dor no corpo que sofre. O que podem os meninos com essas violências todas? O que faz seus corpos suportarem? Eles resistem a cada dia.*

Eu, que pensava saber sempre o que dizer, tive que aprender uma outra fala a partir do silêncio que suas histórias produziam em mim. Quando me contavam dos amigos assassinados, das batidas policiais, do frio durante o tempo de internação, quando um de vocês me mostrou as cicatrizes no corpo (feitas pelo padrasto porque comeu um pedaço a mais de bolo), eu não soube o que dizer. Tive que criar condições para não permanecer naquele silêncio; tive receio de que ele significasse para vocês que eu não os escutava ou que eu, de alguma forma, pactuava com a violência. Recorri a um lugar próximo – acredito que eu precisava de um terreno conhecido –: os livros. Passei a ler para vocês poesia, textos, trechos que eu lia na minha adolescência. Queria que soubessem que, mesmo diante do horror, não se está sozinho. E que, até quando tudo parece brigar contra a vida, há vida:

*Sim, sim, por mais machucado e fodido que a gente possa estar, sempre é possível encontrar contemporâneos em qualquer lugar do tempo e compatriotas em qualquer lugar do mundo. E sempre que isso acontece, e enquanto isso dura, a gente tem a sorte de sentir que é algo na infinita solidão do universo: alguma coisa a mais que uma ridícula partícula de pó, alguma coisa além de um momentinho fugaz. (Galeano, 2010, p. 243)*

Isso de ler para vocês não foi simplesmente uma alternativa que eu criei “para dar conta” do meu silenciamento; nossos encontros instigaram a vontade de uma outra forma de encontrar e de falar sobre aqueles relatos que, mesmo tão recorrentes em suas vidas, ainda lhes soavam violentos.

Como, em uma conversa, ressaltar o valor da vida? Naquilo que, tantas vezes, parecia impossível ser dito por vocês – a morte, o corpo marcado, a solidão, o desemprego –, eu, silenciada, precisava me mover. Era a vontade de dar uma pirueta que transitasse entre a estatística e a existência. Ir à ponta da vida, onde

o doído transforma o olhar para o mundo, onde as pessoas podem se escutar no estranhamento e o diferente ajuda a aproximar. Buscar um comum.

Ali, onde o objetivo não é que *o outro mude*, mas que seja construída uma forma de parceria em que o pensamento possa ser acompanhado, havendo abertura para a diferença, é um horizonte a ser perseguido. Isso exige de “nós” uma mudança radical que tem a ver com não desejar que “vocês” vivam a vida certa, mas que vivam uma vida com presença de decisão, com a emergência de algo não pensado, possível a partir da experimentação. Essa vida que pode ser imaginada, dita e contestada pede espaço para dúvida, reconhecimento, apoio, chão firme e seguro.

Parece até que isso tudo exige a construção de um mundo novo, não? Como se fosse preciso destruir tudo o que está aí para que “vocês”, enfim, possam viver uma outra coisa. Mas, uma ideia assim não moveria o presente. Como ações diferentes do delito podem ganhar importância? Fazer outras coisas tem a ver com afirmar aquilo que se vive enquanto se pode experimentar outras realidades em um mundo um pouco mais alargado em possibilidades. Fazer diferente depende de ser reconhecido(a) como gente em toda a multiplicidade que ser gente significa, e com o testemunho nosso das condições de vida que quase todos “vocês” levam. “Vocês” fazerem diferente pede de nós diferença em nosso fazer para que possam, então, viver a condição de ser filho(a), amigo(a), namorado(a), estudante, trabalhador(a), artista, esportista, leitor(a), dançarino(a), cantor(a) e o que mais couber.

Percebam que a diferença é de força – em uma ideia, empurramos ao(à) outro(a) um jeito de ser que entendemos melhor ou mais correto; na outra, pensamos juntos, fazemos perguntas, estranhemos que as coisas se deem de um certo modo, queremos saber como foram suas experiências até ali e precisamos criar composições. Nesse último modo de estar junto, nos colocamos, todos(as), pensantes e capazes de construir esse chão que pavimentamos enquanto o pisamos e que já carrega uma história.

Vocês comentaram de encontros que os ajudam a seguir, que saber que outros(as) vivem as mesmas dores é um conforto. Isso traz uma dimensão pública do vivido. Nós escrevemos que *“coletivizar a angústia talvez seja uma alternativa. Pessoas, filmes e músicas consolam. São muitas as músicas que fazem pensar na vida que se leva: Rincon Sapiência, Facção Central, GOG, Dexter, Negra Li”*. A variação das experiências é necessária para pensarmos a vida que levamos e que essa força viva não se confirma quando apenas se diz não à violência – isso é necessário, mas não suficiente. Audre Lorde foi uma poeta que disse que

É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. (Lorde, 2019, p. 47)

Pensei, de novo, em quando eu era uma psicóloga que conversava diariamente com “vocês”, acompanhando meninos e meninas na medida socioeducativa. Até nosso primeiro encontro, haviam passado 12, 13, [...], 18 anos da vida de “vocês”. Como podia imaginar que eu saberia daquilo de que precisavam se eu desconhecia o vivido por “vocês”? Não falo dos fatos ocorridos, mas de como eles os(as) marcavam.

Para não dizer como devem viver, é preciso deslocar o olhar. Aceitar que é impossível saber de antemão e sustentar esse não saber em parceria. Há muita dor, há histórias que ficaram sem nome e há situações insuportáveis de viver e ouvir. Não saber o que fazer não é igual a abandonar: é apostar em um encontro em que se possa escutar sobre a vida e a morte, sobre aquilo que foi testemunhado, gritado, brigado, rido e gostado. Um encontro que tenha como direção ética a construção de um percurso comum em que se rejeite qualquer forma de prescrição biográfica. Lá, onde a vida tem valor, é que uma conversa pode ser engajada.

Esta é uma carta-passagem: uma ponte entre o tempo em que nos víamos e o momento presente. Li em um livro que “entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos” (Tenório, 2020, p. 61). Desejo que possamos nos perguntar sobre os afetos que fazem a vida resistir. Desejo que estejam vivos e bem. Desejo que nós, adultos(as), aprendamos a defender o inacabado como tempo fundamental de existir.

Despeço-me aqui, com afeto.

## REFERÊNCIAS

Barthes, R. (2013). *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. São Paulo: Cultrix.

Brasil. (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências*. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=8069&ano=1990&ato=461cXRq1keFpWT13a>.

Deleuze, G. (2011). A literatura e a vida. In *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.



Galeano, E. (2010). Profissão de fé. In Galeano, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP & M.

Lorde, A. (2019). *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Tenório, J. (2020). *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das letras.

